

PEDAGOGIA DO OPRIMIDO: COMPROMISSO E TESTEMUNHO DE RESPEITO AO HUMANO E À HUMANIDADE

SANTIAGO, Eliete^{*}
BATISTA NETO, José^{**}
GUEDES, Marilia Gabriela^{***}

RESUMO

Este artigo se estrutura em torno de dois focos indicotomizáveis: o autor e a obra. É resultado de um estudo bibliográfico e da escuta de professoras/es acerca do compromisso de Paulo Freire para com o ser humano e a humanidade com a formulação e vivência de uma pedagogia cinquentenária: a Pedagogia do Oprimido. Procura evidenciar a práxis político-pedagógica de Paulo Freire a partir da noção inicial do seu trabalho no campo da educação que foi dando corpo a sua obra e marcando a sua história de vida. Assim, o contexto de criação da Pedagogia do Oprimido ganha relevo, marca a historicidade da obra e o gênero literário que é marcadamente ressaltado. Traça a configuração da obra que traduz o compromisso freireano como projeto sócio-político-pedagógico que anunciou de forma planetária a práxis freireana. Traz a voz de professoras/es que dirigiram seu olhar para o homem e a obra declarando a sua importância para a atualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Pedagogia do Oprimido. Educação Problematizadora. Humanização.

* Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Educação. Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: mesantiago@uol.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4088-8190>

** Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Educação. Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: josebn@uol.com.br

*** Universidade Federal de Pernambuco, Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino. Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: mariliagabrielaufpe@gmail.com

*PEDAGOGY OF THE OPPRESSED:
COMMITMENT AND TESTIMONY OF RESPECT FOR THE HUMAN AND HUMANITY*

SANTIAGO, Eliete^{*}
BATISTA NETO, José^{}**
GUEDES, Marília Gabriela^{*}**

ABSTRACT

This article is structured around two indications: the author and the work. It is the result of a bibliographical study and the listening of teachers about the commitment of Paulo Freire to the human being and humanity with the formulation and experience of a fifty - year pedagogy: Pedagogy of the Oppressed. It seeks to evidence the political-pedagogical praxis of Paulo Freire from the initial notion of his work in the field of education that was giving shape to his work and marking his life history. Thus the context of creation of the Pedagogy of the Oppressed gains prominence, marks the historicity of the work and the literary genre that is markedly emphasized. It traces the configuration of the work that translates the Freirean commitment as a socio-political-pedagogical project that announced in a planetary way the Freirean praxis. It brings the voice of teachers who directed their eyes to the man and the work declaring their importance for the present.

KEYWORDS: *Pedagogy of the Oppressed. Problematizing Education. Humanization.*

* Federal University of Pernambuco, Graduate Program in Education. Recife, Pernambuco, Brazil. E-mail: mesantiago@uol.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4088-8190>

** Federal University of Pernambuco, Graduate Program in Education. Recife, Pernambuco, Brazil. E-mail: josebn@uol.com.br

*** Federal University of Pernambuco, Department of Teaching Methods and Techniques. Recife, Pernambuco, Brazil. E-mail: mariliagabrielaufpe@gmail.com

1 PRIMEIRAS PALAVRAS

Este artigo se estrutura em torno de dois focos indicotomizáveis: o autor e a obra. É resultado de um estudo bibliográfico e da escuta de professoras/es acerca do compromisso de Paulo Freire para com o ser humano e a humanidade com a formulação e vivência de uma pedagogia cinquentenária: a Pedagogia do Oprimido. Procura evidenciar a práxis político-pedagógica de Paulo Freire a partir da noção inicial do seu trabalho no campo da educação que foi dando corpo a sua obra e marcando a sua história de vida. Assim, o contexto de criação da Pedagogia do Oprimido ganha relevo, informa a historicidade da obra e o gênero literário que é marcadamente ressaltado. Em seguida, é traçada a configuração da obra que traduz o compromisso freireano enquanto projeto sócio-político-pedagógico que anunciou de forma planetária a práxis freireana e, por fim, ecoam a voz de professoras/es que dirigiram seu olhar para o homem e a obra e declaram a sua importância para a atualidade.

Nesse trabalho ganharam importância as fontes produzidas pelo próprio autor e a escuta interessada das/dos profissionais da educação que apontaram marcas e vivências da educação problematizadora, proposta por Paulo Freire em Pedagogia do Oprimido. As/os professoras/es que fizeram ecoar as suas vozes ganharam nomes fictícios, sem anular suas identidades, uma vez que procuramos preservar as contribuições daquelas/es que atuam nos campos da pedagogia, da saúde e dos movimentos sociais.

Da escuta emergiram três grandes temas que evidenciam reconhecimento, contribuição e atualidade do pensamento freireano: Paulo Freire, ser humano educador e artesão da humanização; Paulo Freire, um homem do seu tempo; Paulo Freire, práxis político-pedagógica-transformadora. Esses temas disseram da atualidade do pensamento de Paulo Freire com alcance planetário a partir da Pedagogia do Oprimido.

=====

2 PEDAGOGIA DO OPRIMIDO: TEXTO E CONTEXTO

2.1 A tortuosa história de um texto

“Pedagogia do Oprimido”, um dos mais importantes ensaios da vasta obra de Paulo Freire, é seguramente o seu mais conhecido título, dadas as diversas traduções – contam-se traduções em mais de uma dezena de idiomas – e as edições que conheceu no Brasil, as quais já se contam sessenta, bem como as citações de que é objeto em estudos e pesquisas em todo o mundo¹. O texto tem, no entanto, uma história, no mínimo, curiosa.

Os escritos ganharam forma de livro em 1970, por meio de uma edição norte-americana publicada pelos editores Herder and Herder, sediados em New York, a partir de cópia dos originais levados por Freire quando do Chile migrou para os EUA, em razão de ter sido convidado a ministrar cursos na Universidade de Harvard². Eles resultam de reflexão e elaboração teórica que tomaram como base as experiências educativas vividas no Brasil (Colégio Osvaldo Cruz, Serviço Social da Indústria, Movimento de Cultura Popular, Serviço de Extensão Cultural/Universidade do Recife e Ministério da Educação) e no Chile (Ministério da Agricultura).

Antes disso, foi um manuscrito produzido em Santiago do Chile, durante seu exílio no país andino, e ofertado como um presente a Jacques Chonchol³ e sua esposa María Edy, com quem o casal Paulo e Elza nutria laços de amizade. As circunstâncias da entrega dos manuscritos ao casal Chonchol narrou Pablo Gentili (UERJ), em 2014.

Era um dia como tantos outros em Santiago. Paulo Freire havia convidado seus amigos Jacques Chonchol e María Edy para conversar e compartilhar seu prato predileto: “*galinha a cabidela*”, uma especialidade de origem portuguesa e muito popular no Nordeste brasileiro, que sua companheira Elza preparava magistralmente. Freire havia conhecido Chonchol quando chegou ao Chile e ele lhe ofereceu trabalho no Instituto de Desenvolvimento Agropecuário (INDAP), do qual era vice-presidente. Freire desenvolveria ali parte de sua experiência de educação popular com setores camponeses. Ficaram grandes amigos.

Essa tarde, ao se despedir, Freire disse que queria oferecer-lhes uma recordação como agradecimento pelos anos de trabalho partilhados: o manuscrito de um livro escrito em uma perfeita letra cursiva, quase sem rasuras e dividido em quatro capítulos. Na dedicatória aos seus queridos Jacques e María Edy, escreveria: “[...] *queria que vocês recebessem esses*

Eliete SANTIAGO. José BATISTA NETO. Marília Gabriela GUEDES.
Pedagogia do Oprimido: Compromisso e testemunho de respeito ao humano e a humanidade

manuscritos de um livro que talvez não sirva, mas que encarna a profunda crença que tenho nos homens”.

Sobre o hiato existente entre a conclusão de sua escrita e sua publicação restou uma pergunta não respondida durante muitos anos, até que a Ana Maria Freire, viúva de Freire, esclarecesse. Por que o livro não foi originalmente publicado no Chile, mas por editores norte-americanos, nos Estados Unidos?

O presidente Frei pediu para Jacques Chonchol verificar o que Paulo tinha dito, negativamente, sobre ele, o Chile e povo chileno. Paulo desistiu, então, de publicar *Pedagogia do Oprimido* no Chile. A primeira edição deste livro saiu nos EEUU, em 1970 (FREIRE, 2018).

2.2 A noção de ensaio: traços e atributos

Para formular uma educação como prática da liberdade, Freire, junto a tantas outras práticas, produziu um ensaio, dentre os muitos que escreveu, como ele próprio reivindicou. O ensaio, como se sabe, é gênero textual que se caracteriza pela produção do pensar a partir de construtos teóricos, de categorias analíticas favorecedoras da leitura, da compreensão de relações e práticas sociais concretas e de suas representações simbólicas. Ele é também, dentre os textos acadêmicos, escrito de modo livre e pessoal – porque prima pela defesa de uma leitura pessoal e subjetiva de determinado objeto –, do qual não é exigida uma demonstração empírica da realidade, embora se construa com rigor metódico. Em sua forma mais elaborada, o ensaio pressupõe interpretação e análise mais profunda sobre um tema, o que o difere dos textos narrativos e descritivos.

Enquanto um ensaio, *Pedagogia do Oprimido* arrasta consigo as características do gênero. A palavra ensaio vem do termo latino *exagiu[m]*, que designa a ação de pensar, de pensar sobre algo. O mesmo termo é encontrado tanto em línguas latinas como anglo-saxãs, tais como o francês, o espanhol, o italiano, o português e o inglês.

O ensaio é uma composição, geralmente em prosa, de extensão variada, que discute, descreve e analisa um tema, sem se basear em formalidades externas como documentos e

=====

provas (material empírico, podemos assim dizer) de caráter científico. Em sua expressão mais simples, o ensaio assume uma forma livre e assistemática, sem um estilo definido. O filósofo espanhol José Ortega y Gasset o definiu como “a ciência sem prova explícita”.

Em razão disso, diz-se que o ensaio é o autoexercício da razão. Por isso mesmo, seu autor busca centrar-se em sua opinião sobre uma questão que escolheu tratar, para o quê não costuma ceder a influências externas. Seja qual for o tema, o objetivo é a afirmação de um significado, de um juízo ao seu respeito. Por isso, o ensaísta não necessita concordar com pontos de vista de outras pessoas. Ensaiar, no sentido de produzir um ensaio, não consiste, assim, necessariamente, em um pensamento convergente, consensual, mas é, sobretudo, produzir e sustentar um entendimento sobre um tema. Um ensaísta buscará desenvolver ideias claras, utilizando-se de uma argumentação inteligente, articulada, contextualizada, enfim, consistente. São essas características que fazem um ponto de vista ser respeitado.

Surgido no final do século XVI, o ensaio constituiu-se, naquele ambiente cultural fortemente influenciado pelas ideias do Humanismo e do Renascimento, em um ato pelo qual se podia emitir opiniões, se podia expressar pensamentos. Foi isso que o escritor e filósofo francês Michel Eyquem de Montaigne (1533-1592) idealizou ao escrever seus *Ensaio*s (1580). Ele queria dizer que aqueles seus escritos eram tentativas, simples esboços literários (o significado original do termo francês *essai*).

Alguns anos depois, o filósofo Francis Bacon, primeiro grande ensaísta inglês, publicava *Essays* (1597). Porém, o que Montaigne criaria, junto com Bacon, séculos mais tarde se tornaria um dos principais gêneros literários, de grande acolhida por parte de críticos e filósofos, além de ter a adesão principalmente de historiadores.

Como dissemos, é de Michel de Montaigne que deriva a conceituação moderna do gênero, que agrega outras qualidades em razão de mudanças devidas a alterações nos conceitos que embasam a atividade literária. Tais alterações na concepção que se tinha sobre o gênero acarretam uma compreensão na qual ganha relevo o exercício livre da crítica. Sobre o ensaio, assim referiu-se Sílvio Lima, professor na Universidade de Coimbra, Portugal, em seu trabalho intitulado *Ensaio sobre a Essência do Ensaio*.

O ensaio tem de ser necessariamente crítico, na medida em que a crítica é a antítese do obscurantismo e traduz o repúdio do sono dogmático. Em suma, o ensaio é uma atitude ginástica do intelecto que, repudiando o

autoritarismo, pensa por si só e por si próprio. Quer dizer, o ensaio é o espírito crítico, o livre-exame (LIMA, 1974).

Esse exercício da razão crítica pode ser encontrado na obra que é alvo deste *dossier*. É da reflexão crítica que ela se produz. Seu autor, Paulo Freire, pretendeu assim, num só ato, fazê-la (a reflexão crítica) instrumento de sua produção literária e objeto da prática educativa. Com ela e a partir dela examinou a educação existente e anunciou a educação desejada. E ao fazê-lo, de um lado, pôs em evidência a prática antidialógica e seus desdobramentos para a formação de educandos. Por outro lado, anunciou as virtudes daquela que seria uma das mais importantes contribuições à construção da educação humanizadora: o diálogo. A dialogicidade como condição e como objeto de conhecimento, logo de aprendizagem de si, do outro e do mundo. Nesse sentido, Freire prenuncia o que só anos mais tarde seria formulado por Bernard Charlot, um pesquisador francês, estudioso da relação como saber, que nos afirma: “Nascer é ingressar em um mundo no qual se estará submetido à obrigação de aprender. Ninguém escapa dessa obrigação, pois o sujeito só pode ‘tornar-se’ apropriando-se do mundo” (CHARLOT, 2000, p. 59).

Na escrita de *Pedagogia do Oprimido*, Freire recorreu a “técnicas” de escrita para o exame do objeto que se propôs a analisar, como a exemplificação, mas sem a ela se limitar, pela qual buscou, como o próprio termo indica, exemplos da realidade empírica para problematizar, sustentar argumentos e dar estofamento a leituras e interpretações. Freire recorreu ainda ao uso do contraste, figura com a qual dava ênfase a duas realidades ou a características diferentes de dois objetos em relação, situados no mesmo universo. Ambos os recursos estilísticos imprimem ao texto notas maiúsculas da filiação à teoria crítica da educação, de que foi o autor, no campo da Pedagogia, uma de suas expressões maiores com a proposta da educação problematizadora.

=====

3 EDUCAÇÃO PROBLEMATIZADORA: COMPROMISSO DE PAULO FREIRE CONFIGURADO COMO UM PROJETO ÉTICO-POLÍTICO-PEDAGÓGICO EM “PEDAGOGIA DO OPRIMIDO”

Paulo Freire se inscreve no campo da educação crítica – educação *stricto e lato sensu* – como parte do que se convencionou chamar de pensamento pedagógico. O seu pensamento é um construto teórico-metodológico que dialoga com outros campos do conhecimento, cujos saberes são pedagogizados. Isto é, o pensamento de Paulo Freire tem a possibilidade de subsidiar práticas pedagógicas em campos do conhecimento que tomem o ser humano como sujeito crítico, criativo e dialógico.

É um pensamento que se fez, fazendo prática, que considera a capacidade do sujeito humano de pensar e de agir; de criar e recriar situações, seja qual for a sua condição de classe, de etnia, raça, gênero, faixa etária ou território. Portanto, é um pensamento plural e inclusivo que reconhece a diversidade e respeita diferenças. É um pensamento que orienta as práticas no horizonte da justiça social.

Dito de outro modo, o pensamento pedagógico freireano é relacional, dialógico e utópico (SANTIAGO, 2006). Caracteriza-se pela preocupação com o ser humano como sujeito e com as suas culturas; ou seja, preocupação com o sujeito e seus contextos em relação. Caracteriza-se também pela valorização das experiências humanas e culturais como fontes de conteúdos formativos e ainda pela centralidade no diálogo como princípio que vai ao encontro da natureza humana e social do homem/da mulher/das pessoas LGBT.

Esse pensamento foi se constituindo aos poucos, a partir do final dos anos de 1950, como um processo de estudo, discussão e observação de Paulo Freire – observação atenta e rigorosa – para com o entorno e os contornos da população pobre e analfabeta recifense. Foi se constituindo como ousadia em propor bases e a experimentação de outras formas de se relacionar com pessoas, com seus contextos de vida e seus saberes. Esse processo de reflexão e ação, de perspectiva relacional, está na base do pensamento dialógico, crítico e criativo que caracteriza a concepção de educação de Paulo Freire.

Essa concepção de educação e seu pensamento pedagógico nascem e ganham forma a partir do Recife. Em Angicos, no Rio Grande do Norte, a experiência é ampliada e ganha

visibilidade com a educação de adultos, tornando-se nacional. Interrompida com o golpe de 1964, fez-se internacional. Entretanto, a sistematização ocorreu no exterior, nos anos finais de 1960; quando, do exílio de Paulo Freire, essa concepção é difundida como educação problematizadora. Foi essa educação que levou Paulo Freire ao exílio⁴. É essa mesma educação que hoje é reivindicada por uns e rechaçada por outros⁵.

Em uma palavra, a educação problematizadora é um construto teórico-metodológico que ganha corpo com a Pedagogia do Oprimido. Assim, Pedagogia do Oprimido é um livro; tece o conjunto da obra de Paulo Freire; é uma teoria da ação pedagógica que inspira práticas em diferentes campos do conhecimento e tem suas marcas conceituais em toda a obra freireana. Para além do livro, é um projeto de educação que atravessou fronteiras e tempos para se fazer atual e tomar múltiplas formas no uso e nas contribuições para o ensino, a pesquisa, a extensão e a gestão.

Nessa perspectiva, em Paulo Freire, se fez possível a formulação de um paradigma de educação, tecida como reflexão e prática, inseparavelmente. Fez-se como uma proposta superadora das formas hegemônicas de fazer a educação, experimentada com adultos, cuja finalidade maior esteve/está na preocupação com o processo de conhecimento como conscientização da realidade e intervenção social. Uma educação conscientizadora (FREIRE, 2008).

Em síntese, a perspectiva da educação problematizadora encarna o compromisso político-social e pedagógico de Paulo Freire como contribuição para uma outra educação e uma sociedade justa. Um legado para a humanidade e a humanização do humano.

Mas, em que consiste a educação problematizadora, que atravessou tempos e fronteiras, para ser vista como uma ameaça e, ao mesmo tempo, ser ameaçada?

Paulo Freire traz para o campo da educação a teoria da educação problematizadora, como teoria e prática; conhecida também como *educação como prática da liberdade*, *educação dialógica*. Uma proposta de educação que, para ganhar corpo, requer uma pedagogia, coerente em seus pressupostos, e que se tornou conhecida como *pedagogia Paulo Freire*, *pedagogia do oprimido*, *pedagogia do saber*, entre outras. Desse modo, a educação

=====

problematizadora e a pedagogia que a corporifica se realizam na configuração de uma proposta teórico-metodológica estruturada por concepções, princípios, conteúdos e métodos, com possibilidades de ser vivenciada em espaços escolares, acadêmicos, comunitários e sociais, a depender da decisão de um coletivo, na disputa tencionada de intergrupos.

Esse paradigma de educação, proposto por Paulo Freire, é superador da educação hegemônica. Tem sua raiz na preocupação com a presença e a relação do sujeito humano, no contexto da sociedade. Considera Freire que o ato de ensinar e aprender é uma tarefa de sujeitos, que estão em relação com outros sujeitos e com seus contextos; sejam eles professor-estudante; médico-paciente; ator-público, são sujeitos sociais, históricos e portadores de conhecimento, cujo respeito à natureza humana é fundamental.

Essa natureza relacional e sócio-histórico-cultural, que marca o pensamento freireano, aponta para uma perspectiva multi-trans-cultural dos sujeitos e dos contextos socioeducativos e de aprendizagens. É esse pensar que está na base do *quefazer* freireano como reflexão-ação-reflexão.

Em outras palavras, o construto teórico-metodológico da educação problematizadora se fundamenta e se orienta pela compreensão que o ser humano – homem, mulher, pessoas LGBT – é sujeito do processo de conhecimento. Assim sendo, o conhecimento não pode ser transferido, depositado, mas construído na relação do sujeito com a sua realidade. A isto Paulo Freire vai denominar de conhecimento crítico; o conhecimento que parte da realidade e que a ela retorna como explicação, podendo nela intervir – criando-a ou recriando-a. Daí o conhecimento matizado pela educação problematizadora ser crítico, criativo e transformador (FREIRE, 1996).

Essa educação é traduzida em uma pedagogia como preocupação com o processo de construção e acesso ao conhecimento, ou seja, como dimensão epistemológica crítica e popular (SILVA, 2011). Ela nega o conhecimento como prática de transferência, como algo estático, acabado; como realidade dada. Do mesmo modo que nega o ser humano “abstrato, desligado do mundo”. Essa educação, portanto, afirma o ser humano como ser de relação em uma “realidade em transformação, em processo” (FREIRE, 2008, p. 82).

Na verdade, afirma que a educação problematizadora, superadora da concepção bancária, “propõe aos homens [mulheres] sua situação como problema” (Ibidem, p. 85), desafiando-os/as em um processo de problematização da realidade.

Não resta dúvida que a preocupação efetiva de Paulo Freire se deu com o processo de produção do conhecimento; do conhecimento crítico, como pode ser conferido desde seu primeiro trabalho – *Educação e Atualidade Brasileira* (1959), como em seu último livro escrito e publicado em vida, *Pedagogia da Autonomia: saberes indispensáveis à prática educativa* (1996).

Ele pensou novos modos de aquisição do conhecimento, praticando-o. Testemunhou com a própria prática que o conhecimento é produzido de forma relacional, para isso considerou a condição e os contextos do ser humano como sujeitos em situações mobilizadoras de aprendizagens.

Para ele, o conhecimento é social, histórico e cultural. Aprende-se em relação com o outro e com seus contextos. Não absolutizou nem o saber, nem a ignorância. Considerou que todos os seres humanos, circunstancialmente, podem estar na situação de conhecer/desconhecer, mas abertos para conhecer mais. Daí a afirmação de que “[...] ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2001, p. 69).

Porém, nessa perspectiva teórico-metodológica, não se trata de qualquer conhecimento. Trata-se do conhecimento histórico, crítico e dialógico. Aquele que parte da realidade social, como direito de dizer a palavra, como conteúdo de reflexão que, submetida à problematização, alarga-se, expande-se e aprofunda-se como explicação e possibilidade de inserção e intervenção social.

É aquele conhecimento que parte do saber experiencial, mas nele não permanece, alonga-se como acesso ao conhecimento novo, conforme o ciclo do conhecimento freireano.

Em *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*, Paulo Freire resgata a dinâmica do ciclo do conhecimento. Ele indica dois momentos no processo de conhecer: “O em que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e o em que se
=====

trabalha a produção do conhecimento ainda não existente” (FREIRE, 1996, p. 31). Isso parece esclarecer, ainda mais, a condição de sujeito que acessa o conhecimento a partir do seu saber praticado como busca, indagação, curiosidade, na condição de sujeito que se relaciona com a realidade e com o conhecimento. Daí entendermos a afirmação de Freire: “[...] quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender tanto mais se constrói e desenvolve o que venho chamando ‘curiosidade epistemológica’” (Ibidem, p. 27).

Na verdade, a curiosidade epistemológica resulta e amplia-se, cada vez mais, com as oportunidades dos sujeitos no âmbito educacional ou dos movimentos sociais ao serem mobilizados pelo exercício do diálogo como reflexão coletiva, tomadas de decisão, engajamento e autonomia. Essa educação defendida com a vida e a prática de Paulo Freire, no Brasil e no mundo, encontra no diálogo a sua centralidade. Ele é instituidor das relações do ser humano–mundo e constitui a dimensão dinâmica dos processos de conhecimento.

Uma síntese sobre o compromisso e a contribuição de Paulo Freire pode ser encontrada em Ann E. Berthoff, no prefácio de *Alfabetização – leitura do mundo, leitura da palavra* (1990), ao ressaltar o papel da consciência crítica na perspectiva da educação freireana,

No cerne da pedagogia do saber de Paulo Freire encontra-se a ideia de que nomear o mundo torna-se um modelo para transformar o mundo. A educação não substitui a ação política, mas lhe é indispensável devido ao papel que desempenha no desenvolvimento da consciência crítica (1990; p. XIX).

Nessa citação, a autora destaca quatro ideias-chave que compõem a educação problematizadora, na perspectiva freireana: (1) *a ideia de sujeito que nomeia o mundo*. Isto é, que *diz a palavra* como leitura do mundo, situando-se no mundo; (2) *a palavra como ação transformadora*. Palavra como ação e reflexão. Palavração, no dizer freireano. Práxis transformadora; (3) *a educação como indispensável à ação política*. Afirma a politicidade da educação, descartando a falsa neutralidade; (4) *consciência crítica*. A criticidade como reflexão e ação.

Como pode ser observado, em Berthoff encontram-se características da contribuição de Paulo Freire para a educação humanizadora. A construção de um paradigma crítico-

emancipatório e de uma prática educativa que considera como elementos da *práxis* transformadora a politicidade da educação a serviço da natureza humana do *Ser Mais*, cuja utopia está na humanização do sujeito e da sociedade como finalidade e objeto educativo. Esse é o compromisso de Paulo Freire com a humanização do humano, que recebeu o reconhecimento internacional e local, como podemos ver a seguir na voz das/dos professoras/es de hoje.

4 VOZES NA ATUALIDADE QUE ECOAM O PENSAMENTO EDUCATIVO DE PAULO FREIRE – A OBRA E O AUTOR

Estudos mostram a relevância social e acadêmica da contribuição de Paulo Freire para diversos campos do conhecimento, a exemplo dos desenvolvidos por Daniela Gontijo (2018), que evidencia a presença da Pedagogia Paulo Freire na Terapia Ocupacional; por Alexandre Saul (2015), com os referenciais do teatro na formação permanente; por Ana Saul (2012; 2016), com a contribuição de Paulo Freire nos sistemas de ensino; e também na Política Nacional de Educação Popular em Saúde (BRASIL, 2013).

Do mesmo modo que os estudos, destacamos as vozes de onze docentes que tomam Paulo Freire como referência no seu cotidiano, nos âmbitos escolar e acadêmico ou na vivência de práticas educativas e sociais. Quando do ecoar das suas vozes, dizem da presença de Paulo Freire e do seu testemunho no processo de *Ser Mais* da pessoa humana, a partir da Pedagogia do Oprimido. Como dito nas páginas iniciais, os dizeres, generosamente entregues, estão organizados em três eixos, cujos conteúdos serão dados a conhecer a seguir.

4.1 Paulo Freire, compromisso com a humanização do humano

Paulo Freire, educador brasileiro, cidadão do mundo, no dizer do professor José pode ser considerado *Senhor da Humanização*, dado o seu esforço e o compromisso efetivos para

=====

vivenciar a finalidade educativa e respeitar a natureza humana, cuja vocação é o *Ser Mais*.

Para José, Paulo Freire testemunha

[...] uma existência vivida de forma intensa, compromissada e coerente, onde os eventos se sucedem, traduzindo atributos que chancelam um humano onde pontuam a pobreza, a fome, as necessidades básicas, a inventiva de famílias populares para obter a sobrevivência, uma vida repleta de sonhos e de uma busca incessante por realizá-los.

Braga apreende e valoriza um outro ângulo, com seu olhar: a relação teoria-prática, as dimensões epistemológica e ontológica que configuram o pensamento freireano. Mostra que Paulo Freire é “[...] *um ser humano que pensava-agindo, agia-pensando uma educação como prática de indignação, diálogo e esperança. Expressão do concreto pensado, do devir humano, Paulo Freire, mais do que uma epistemologia, se traduz como uma ontologia*”, pontua a professora.

Há um destaque para a sensibilidade freireana “no trato com as pessoas e com o conhecimento”, cunhando a expressão “peregrino do esperar do humano”.

O espírito combativo marca Paulo Freire como um lutador pela humanização enquanto processo de libertação. É o que mostra Gabriela ao ressaltar que o educador Paulo Freire “[...] *não defende apenas que as condições necessárias à sobrevivência sejam garantidas, mas defende a busca do ser mais*”. Na mesma direção, Andrea reconhece que Paulo Freire lutou, “[...] *sobretudo, pelos descamisados, os analfabetos, os trabalhadores, pelas pessoas que tinham menos espaço de fala, menos oportunidades e direitos sociais e por todas as que se sentissem oprimidas, excluídas, desrespeitadas*”. No exercício da educação problematizadora, lutou, para que ela que se fizesse como “[...] *um esforço permanente através do qual os homens vão percebendo, criticamente, como estão sendo no mundo com que e em que se acham*” (FREIRE, 2001, p. 72).

Em resumo, Paulo Freire defendeu e lutou por uma educação que contribuísse para a igualdade e a justiça social. Portanto, “[...] *um humanismo compromissado com um projeto de transformação da sociedade*”, como declara João.

Vida e obra de Paulo Freire são indissociáveis e constituem testemunho de respeito com o humano e a humanidade, conforme depoimento de Celso, a seguir.

Ele foi um homem que amou. Amou e respeitou a cada um e a cada uma na sua individualidade humana, amou os diferentes povos, etnias e classes... sempre preocupado com a humanização e a desumanização dentro da realidade histórica, propondo-se a uma práxis de ação-reflexão-ação para transformar um mundo menos feio, para que todas e todos pudessem ter condições de ‘gostar de ser gente’ e ‘Ser Mais’.

Em síntese, o autor de *Pedagogia do Oprimido* encarna amorosidade, diálogo, esperança, esforço e compromisso, uma educação como possibilidade de emancipação humana para superar as diferentes formas de opressão e dominação na sociedade contemporânea. Esses princípios e atitudes forjaram, em certa medida, o cidadão do mundo, animaram sua existência no planeta Terra e fazem da sua obra um legado e patrimônio espiritual e cultural.

4.2 Paulo Freire, um homem do seu tempo

A história como possibilidade, o homem/a mulher como seres da práxis e a realidade como criação e recriação de sujeitos estão na base do pensamento freireano e fazem do seu formulador um homem do seu tempo.

É assim que Júlio situa Paulo Freire: “como homem do seu tempo”. Como

[...] alguém profundamente comprometido com o destino libertário dos seres humanos e do planeta. Tal comprometimento, por outro lado, se dava em cima de critérios por ele profundamente observados. Pensava e tratava seus contemporâneos como seres inacabados, inconclusos, limitados, e, ao mesmo tempo, historicamente chamados a superar seu inacabamento, de forma processual e continuada.

Em sua narrativa, Celso destaca a ética humanizadora que informa a pedagogia de Paulo Freire e que o leva a “[...] escrever *comprometido com a vida, desumanizada ou com possibilidades de humanização; a ser resgatada quando na miséria, por ela lutar quando em opressão, ampliada porque sempre confiou na capacidade de cada ser humano Ser Mais*”.

Esse também é o reconhecimento de João, para quem

=====

[...] a vida e a obra de Paulo Freire são testemunhos ético, político e pedagógico em defesa de um humanismo radical, concreto e solidário. É testemunho de defesa da vida de todas as pessoas, sobretudo daquelas que vem sendo historicamente subalternizadas pelo colonialismo, capitalismo, racismo e patriarcado.

Esses olhares para Paulo Freire e sua obra, cinquenta anos depois da sua divulgação, dizem da antecipação das suas ideias que revolucionaram o campo da educação com a afirmação da politicidade da educação e a sua práxis transformadora. Ao mesmo tempo, dizem da sua atualidade.

4.3 Paulo Freire, práxis transformadora

Há uma inseparabilidade entre vida e obra de Paulo Freire. Há unidade entre seu pensar e agir; teoria e prática. Pensamento crítico e ação reflexiva são características do *quefazer* freireano. Essa coerência faz com que ele seja sujeito da práxis. Práxis político-pedagógica transformadora.

Princípios, finalidades, posturas e ação constituem o humano e a humanidade de e em Paulo Freire. Na sua obra, composta de livros escritos, “falados”, de entrevistas e depoimentos concedidos e apanhados, estão presentes relações e atitudes de ação-reflexão-ação que depõem sobre a relação de respeito ao outro, cuja origem se encontra na relação dialógica.

A crença nas possibilidades do ser humano, criticidade, criatividade e amorosidade são princípios, critérios e modo de Paulo Freire estar no e com o mundo. Assim foram seu percurso, suas escolhas e ações. A exemplo das experiências com alfabetização de adultos, com a cultura popular e com a criação de equipamentos culturais, a exemplo da Rádio Universitária⁶ da Universidade do Recife, hoje Universidade Federal de Pernambuco.

A trajetória de Paulo Freire é assinalada por Gabriela que aponta a obra Educação e atualidade brasileira⁷ como um marco da sua produção enquanto processo de reflexão crítica da realidade. Para ela, “[...] desde o seu primeiro escrito, ao analisar a sociedade brasileira e as relações de poder estabelecidas, crítica essas relações injustas onde os sujeitos têm seus

direitos negados, direitos estes necessários à sobrevivência do todo ser humano”. A essa trajetória também esteve atenta Andrea que chama a atenção para

[...] o modo cuidadoso, coerente e crítico com que Paulo Freire pautou a sua vida pessoal e profissional. A profunda capacidade de amar, de se relacionar e de se re-construir. Ele fala de amor como um convite a estarmos juntos, a vivermos melhor e de forma mais bonita a nossa convivência social.

Em uma palavra, a educação foi o campo de luta de Paulo Freire. Nele, formulou e vivenciou a educação como um construto teórico-metodológico a serviço da libertação, da humanização do humano, como um projeto político-epistemológico cunhado como educação problematizadora. Segundo Celso, o Patrono da Educação Brasileira⁸,

[...] solidarizou-se de corpo e alma com as experiências de dor e sofrimento, de esperança e luta quando se tratava das condições necessárias para a vocação ontológica de Ser Mais. Esse foi seu projeto político-epistemológico a serviço do humano durante toda a sua vida, cujos registros estão com força e clareza indubitáveis nas suas muitas obras (feitas e escritas...).

Nesse projeto, Augusto ressalta que,

Paulo Freire, ao assumir o quefazer do Ser Mais enquanto vocação ontológica do humano como ser de relações, nos possibilitou adentrarmos com práxis libertadora situada na dialeticidade, na dialogicidade como prática de enfrentamento aos abusos contra a vida, contra a essência do ser humano e mundo.

Na direção do *Ser Mais* como vocação ontológica do homem e da mulher, inscreve-se Damiana, focada numa perspectiva de liberdade, autonomia e responsabilidade como condição de sujeito. Diz ela: “[...] *eu e todas as pessoas temos o direito de criar o mundo em que queremos viver, temos o direito de decidir o que é para nós melhor, temos o direito de amar e ser amados, e por além de defender teoricamente, também agir no sentido dessa defesa*”. Eis aqui o sentido de sujeito histórico e vocacionado para *Ser Mais* presente na Pedagogia do Oprimido.

=====

O respeito à vida e às culturas, o compromisso com a humanidade ganham explicitação com Rosalia, cujo testemunho ressalta que, no conjunto da obra de Paulo Freire, está o testemunho do seu compromisso com a humanização, conforme trecho a seguir.

O compromisso pode ser traduzido na sua obra, que atravessa a História da Educação Popular como marco teórico e prático fundamentado na sua concepção de educação como processo gnosiológico. Como processo dialético ancorado a partir da prática, sua teorização e retorno à prática, o diálogo e a leitura da realidade são fundamentais para reafirmar a atualidade de seu pensamento e seu respeito à humanidade.

Dimensão da obra e da vida de Paulo Freire, cuja práxis é reafirmada por Celso ao ressaltar que,

[...] com suas pedagogias ‘do oprimido’, ‘da indignação’, ‘da autonomia’, ‘da esperança’ (...), ético-politicamente testemunhou seu compromisso com o humano se humanizando, na inteireza do seu sentir/pensar/agir como homem, como educador, como cidadão (também do mundo). Paulo Freire viveu a radicalidade da práxis de uma filantropia encarnada sócio-histórico-culturalmente, por cada mulher ou cada homem em qualquer lugar no cosmos.

Esse conjunto de vozes mostra que Paulo Freire se fez um testemunho de humano, uma busca de humanidade e um arquiteto da humanização a partir da proposição da educação problematizadora e da prática pedagógica que tomou corpo em *Pedagogia do Oprimido*, mas que a ela não se restringiu. Esse paradigma educacional foi se constituindo, expandindo-se e se firmando como um projeto ético de educação e sociedade, cujo horizonte é a humanização da pessoa humana.

Nesse intento freireano, esteve e está a possibilidade do trabalho educativo em espaços escolares, acadêmicos e do movimento social. O trabalho com o conhecimento crítico e criativo que contribua para um processo de reconhecimento da humanidade no humano, para que não avancemos nos processos de coisificação da pessoa.

A contribuição de Ana e de Augusto pode fechar essa escuta como um convite à reflexão e à prática pedagógica⁹. Ana, em uma narrativa propositiva, destaca a atitude solidária de Paulo Freire na partilha do conhecimento e na possibilidade de darmos continuidade ao seu legado. Para ela, Paulo Freire se faz testemunho de compromisso com a humanização e justiça social,

compartilhando o conhecimento produzido em sua experiência como educador por meio de uma escrita tão densa quanto amorosa. Paulo Freire denuncia a Pedagogia do Oprimido e anuncia a Pedagogia da Esperança e, deste modo, se faz referência para o compromisso da educação como processo de humanização. Como educador, seu testemunho de respeito ao humano e à humanidade se traduz como referência para a constituição de uma pedagogia da humanização, sendo esta obra que nos cabe sugerir e realizar, diante do compromisso com a preservação de sua memória e a recriação de seu pensamento. Eis um convite: compromisso com a preservação de sua memória e a recriação de seu pensamento.

Augusto, por sua parte, assim se pronuncia: *“o testemunho de vida de Paulo Freire e sua obra se complementam na continuidade de outras vidas e obras criadas, reinventadas com e a partir da presença de Paulo Freire no mundo”*.

5 FECHANDO O CICLO

Pedagogia do Oprimido, livro escrito por Paulo Freire no século passado, tecido a partir das vivências no Brasil e no Chile, ganhou corpo no seu exílio no país andino (1968), foi publicado primeiramente nos Estados Unidos, chegou ao Brasil pela Editora Paz & Terra, na primeira metade de 1970. O livro é um suporte para a difusão de paradigma da educação crítica – a educação problematizadora –, uma teoria revolucionária a ser vivenciada como referencial teórico para o ensino, a pesquisa, a extensão e a gestão. Gestada a partir de experiências educativas vividas em distintos contextos geográficos (local, regional, nacional e internacional), sociais (urbano e do campo), políticos (períodos democrático e autoritário) e culturais (brasileiro, chileno), a Pedagogia do Oprimido funda-se na consideração e no respeito à diversidade que será uma das marcas do pensamento freireano. Essa diversidade se traduz em uma multiplicidade de sujeitos individuais e coletivos, institucionais e movimentos sociais, programas, projetos e iniciativas de toda ordem nos campos de educação e da cultura, para os sistemas formais e para movimentos sociais, estando onde a prática educativa está, ou

=====

seja, em todo lugar e no lugar por inteiro onde o ser humano está. Essa perspectiva ampla, abrangente e, sobretudo, inclusiva, nos dizeres de hoje, fez-se e seguiu fazendo-se desde um dado lugar. Ela tinha e tem lado. Estar com e para os setores sociais desassistidos (os *esfarrapados do mundo*, como dizia Freire) constitui traço comum e direção da prática educativa e da reflexão crítica sobre essa mesma prática.

A educação problematizadora proposta por Paulo Freire atravessou tempos e oceanos, tornando-se cada vez mais atual e desafiadora para a compreensão e intervenção na realidade, hoje. Assim, é recepcionada, lida e vivenciada por aquelas e aqueles que fazem a opção por uma educação como processo crítico, criativo e de libertação. Impulsiona, portanto, um conjunto de vozes constitutivas de uma espécie de polifonia pedagógica, que se exercita livre e democraticamente desde a recepção peculiar de cada leitor/a, estudioso/a, intérprete contemporâneo da obra freireana. A ação polifônica sobre a obra dá relevo à pluralidade de níveis e dimensões da educação na sua relação com as sociedades locais, nacionais e latino-americanas em construção. Os enunciados capturados por testemunhos escritos são denúncia e anúncio, percepções e expectativas com respeito à educação vivida, mas, sobretudo à educação desejada. São traduções da ideia de sujeito que nomeia o mundo, que diz a palavra como leitura do mundo, situando-a e situando-se no mundo. É essa leitura que constitui textos escritos e falados que orientam práticas com traços de uma educação comprometida com o *Ser Mais*.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Portaria nº 2.761, de 19 de novembro de 2013. Institui a Política Nacional de Educação Popular em Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde (PNEPSSUS). Publicada **Diário Oficial da União**, DF, 2013.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**. Elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

FREIRE, Ana Maria. Mensagem enviada à Profa. Silke Weber em maio de 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 31ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

_____; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização** - leitura do mundo, leitura da palavra. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

GENTILI, Pablo. **Paulo Freire e a história de um manuscrito**. 2014. Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/dialogosdosul/paulo-freire-e-historia-de-um-anuscrito>>. Acesso em: 26 set. 2018.

GONTIJO, Daniela Tavares et al. DECIDIX: encontro da pedagogia Paulo Freire com os serious games no campo da educação em saúde com adolescentes. *Ciência & Saúde Coletiva* [online], Rio de Janeiro, v. 23, n. 9, 2018 p. 2951-2962. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232018000902951&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 out. 2018.

LIMA, Sílvio. **Ensaio sobre a essência do ensaio**. 2ª ed. Coimbra: Armênio Amado Editora, 1974.

SANTIAGO, Eliete. Formação, currículo e prática pedagógica em Paulo Freire. In: BATISTA NETO, José; SANTIAGO, Eliete. (Orgs.). **Formação de professores e prática pedagógica**. Recife: Massangana, 2006, p. 73-84.

SAUL, Alexandre. **Para mudar a prática da formação continuada de educadores**: uma pesquisa inspirada no referencial teórico-metodológico de Paulo Freire. 2015. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

=====

SAUL, Ana Maria. **Relatório técnico da pesquisa o pensamento de Paulo Freire na educação brasileira:** análise de sistemas públicos de ensino a partir de 1990 - período 2010 a 2012. São Paulo: PUC-SP, 2012.

SAUL, Ana Maria. **Relatório técnico da pesquisa Paulo Freire na atualidade:** legado e reinvenção - análise de sistemas públicos de ensino a partir de 1990 - período 2012 a 2015. São Paulo: PUC-SP, 2016.

SILVA, Everaldo Fernandes. **Processos Aprendentes e Ensinantes dos/as artesãos/ãs do Alto do Moura:** tessitura de vida e formação. 2011. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2011.

SOUZA, João Francisco. **Prática Pedagógica e Formação de Professores.** Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009.

Notas

¹ Bases de dados a situa entre as cem obras mais citadas nas áreas das Ciências Humanas e Sociais.

² Criada na primeira metade do século XVII, sediada na cidade Cambridge, estado de Massachusetts.

³ Jacques Chonchol conheceu Paulo Freire quando, militante da Democracia Cristã, trabalhou no governo de Eduardo Frei Montalva, do qual se afastaria mais tarde.

⁴ Naquele período, a disputa ganhava forma em torno da guerra fria e a educação conscientizadora vivenciada, fundamentalmente, com a educação de adultos.

⁵ Vejamos a tensão que ocorre hoje na sociedade brasileira com as proposições do movimento escola sem partido, que caracteriza uma disputa por um projeto de educação.

⁶ Rádio Universitária Paulo Freire é a nova denominação da Universitária AM820, reinaugurada em 23 de novembro de 2018.

⁷ Educação e Atualidade Brasileira é, originalmente, a tese escrita por Paulo Freire no ano 1959 para concorrer ao concurso para a Cadeira de História e Educação na Escola de Belas Artes de Pernambuco, Recife. Freire discute no texto as origens da inexperiência democrática do povo brasileiro e as possibilidades que uma educação orgânica pode ter no sentido de superar essa situação e contribuir para a construção da participação democrática dos diferentes sujeitos.

⁸ Lei nº 12.612/2012 confere a Paulo Freire o título de Patrono da Educação Brasileira.

⁹ Compreendemos prática pedagógica, a partir de Souza (2009), como processo de formação humana institucional, coletiva e relacional. Nesse sentido, se constitui pelas ações de gestores(as), professores(as) e estudantes. Tais relações carregam a possibilidade de se constituírem como amorosas e dialógicas, envolvendo afetos e conflitos entre os sujeitos, na condução de uma prática epistemológica, que garanta a construção do conhecimento, em espaços formais e não formais, tendo em vista o humano em sua integralidade.